

# A Crise da Década de 1960 e o “Milagre Econômico”

## Salários e Distribuição de Renda

### Pontos-chave

#### Ciclos Econômicos de 1960 a 1970

- **1.ª Fase (1960 a 1963):** inflação acelerada e redução do ritmo de crescimento que culminou com depressão;
- **2.ª Fase (1964 a 1966):** redução da inflação e ainda depressão;
- **3.ª Fase (1967 a 1970):** desaceleração da inflação e crescimento acelerado)

#### Enfoque na educação/Curva de Kuznets

Langoni, C. G. (1973). Distribuição da renda e desenvolvimento econômico do Brasil: uma reafirmação.

- O ponto que o autor sustenta é que **"grande parcela do aumento de desigualdade observado a partir da comparação direta dos perfis estimados de renda reflete apenas mudanças de proporção na força de trabalho"**. E dessas mudanças na força de trabalho, **a mais importante se dá em relação ao nível de educação da mesma**.
  - O autor constrói um modelo teórico cuja previsão básica é que **"o processo de desenvolvimento irá necessariamente gerar desequilíbrios\*, que serão particularmente importantes na fase de crescimento acelerado. \*Este desequilíbrio toma forma de um aumento no salário relativo, dos grupos de mão-de-obra qualificada relativamente aqueles pouco qualificados\*"**.
  - Isto é, ao longo do processo de desenvolvimento do final da década de 1960, a expansão da demanda por mão-de-obra foi **não neutra**: ela **beneficiou relativamente mais o pessoal mais qualificado**, refletindo a expansão mais rápida dos setores modernos em relação aos setores tradicionais. **Ou seja, o autor atribui às diferenças de elasticidade entre oferta de mão-de-obra qualificada e não qualificada o crescimento da desigualdade de renda, e rechaça a ideia de Fishlow que o aumento da desigualdade tenha sido fruto da política salarial do governo**.
- Nas palavras do autor:

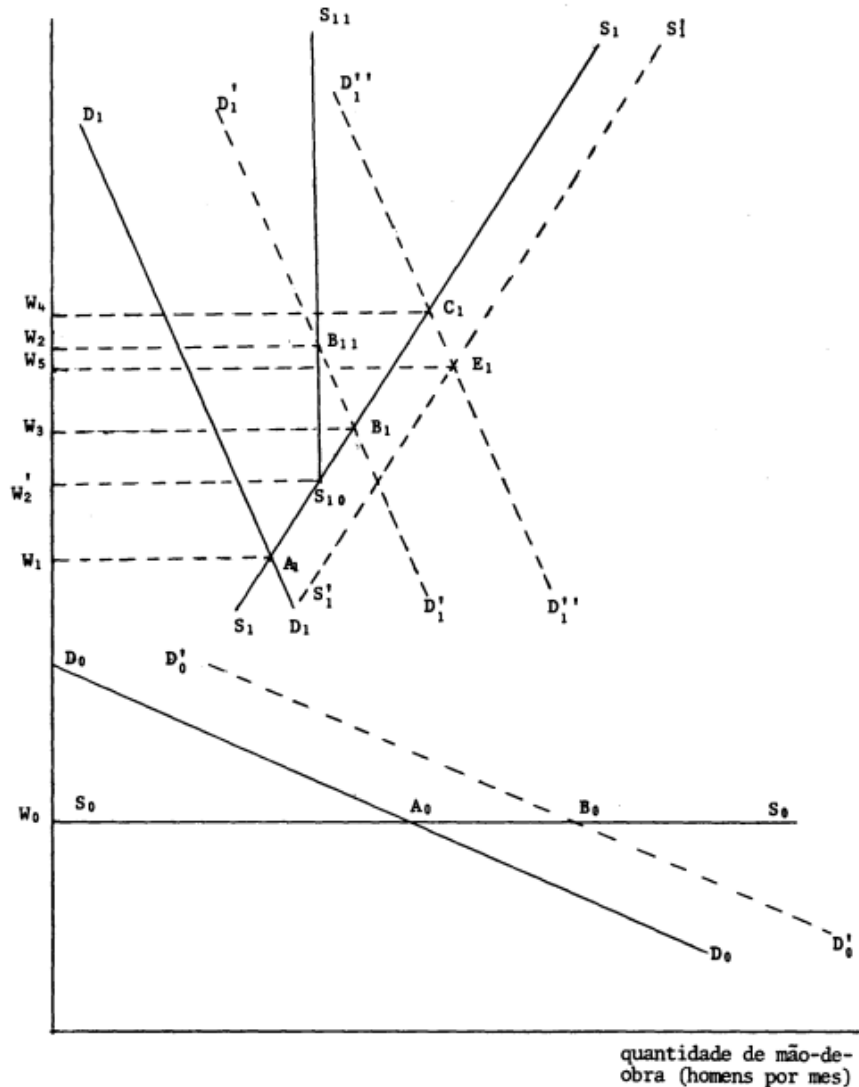
*"O impacto final sobre os salários relativos se completa pelas diferenças de elasticidade da oferta de cada tipo de mão-de-obra (quanto mais qualificada mais inelástica) e pelas peculiaridades da função de produção da educação formal que faz com que mudanças na escala da oferta sejam relativamente lentas."*

*"Finalmente enfatizamos a impossibilidade de identificar inequivocamente a influência independente da política salarial a partir de 1964."*

*"Em primeiro lugar, [...] esta não é uma explicação que permita compreender o que aconteceu com o perfil de renda como um todo. Em segundo lugar, ela teria apenas reforçado uma tendência que poderia ser explicada teoricamente pelo comportamento elástico da mão-de-obra não qualificada. Em terceiro lugar, se a explicação é baseada em fatores ad hoc então consistência exige que todas as políticas (ou componentes cíclicas), que tiveram potencialmente importantes efeitos redistributivos durante a década, sejam avaliadas."*

GRÁFICO I

salário (Cr\$ por mes)



## Enfoque nos fatores políticos

Souza, P. H. G. F. D. (2016). A desigualdade vista do topo: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013.

- Para este autor, "o avanço da concentração no topo já no período antes do "milagre econômico" torna as interpretações benignas centradas no "U invertido" de Kuznets e na educação pouco convincentes, e reforçam os pontos levantados por Albert Fishlow, Rodolfo Hoffmann, Edmar Bacha e outros. Isso não implica que mudanças estruturais e/ou a desigualdade educacional não tenham nenhuma importância; só é difícil dar primazia a elas."
- No âmbito dos fatores políticos responsáveis pelo aumento da desigualdade no período, o autor inclui (esta lista não é exaustiva): (i) política salarial; (ii) a reforma tributária de meados de 1960; (iii) a oligopolização do sistema bancário; e (iv) o FGTS. Seguem os excertos de cada um desses pontos:

(ii): "A política salarial não foi a única iniciativa da ditadura com efeitos distributivos favoráveis aos mais ricos. A reforma tributária levada a cabo em meados dos anos 1960 tinha como objetivo aumentar a arrecadação e racionalizar o sistema, e foi muito bem sucedida nisso, contribuindo para a redução significativa do déficit público. **Em termos distributivos, contudo, é muito provável que seu impacto tenha sido regressivo, como defendido por**

**Hermann (2005b), uma vez que a maior parte do aumento da arrecadação decorreu de impostos indiretos."**

(iii): "A ditadura promoveu ativamente a concentração bancária, sobretudo a partir de 1971, acreditando que economias de escala reduziriam os custos operacionais do sistema. **O resultado foi apenas a limitação da concorrência e oligopolização do sistema bancário."**

(iv): "Ao facilitar a rotatividade da mão de obra, o FGTS foi vantajoso para os empregadores, possibilitando a estratégia de demitir funcionários logo antes dos dissídios coletivos para recontratá-los depois sem conceder os reajustes (FAUSTO, 1995; VIANNA, 1999). Os recursos do fundo, por sua vez, eram direcionados para os financiamentos subsidiados do Sistema Financeiro de Habitação, que beneficiaram mais as classes média e alta"

---

## Por que fugiram do ajuste recessivo?

Souza, P. H. G. F. D. (2016). A desigualdade vista do topo: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013.

- "A abertura "lenta, gradual e segura" deu-se em meio a pressões que colocavam em jogo a legitimidade do governo [Geisel]. [...] A situação não dava margem para um ajuste recessivo, nem seria possível deslocar as perdas para os assalariados como no PAEG. Daí a opção por dobrar a aposta no crescimento e lançar o ambicioso II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), possibilitado, no plano externo, pela liquidez proporcionada pelos chamados petrodólares."

- Nas palavras do Delfim:

"A estrutura da distribuição de renda é insatisfatória, e com ela a Revolução não se solidariza, mesmo porque tal distribuição resultou de uma evolução de longo prazo da economia, e não de fatores recentes." (1974)

- O estranho é que essa fala é colocada após uma década de medidas de compressão salarial.